



5.15. *Meia hora para mudar a minha vida*, de Alice Vieira⁷¹: narrativa juvenil, ficcionalização de dramas afectivos e crítica social

Ana Margarida Ramos
(Universidade de Aveiro)

José António Gomes
(ESE-Instituto Politécnico de Porto)

Sara Reis da Silva
(Universidade do Minho)

Resumo: O último romance juvenil de Alice Vieira, *Meia Hora para Mudar a minha Vida*, seguindo uma construção ideotemática e recorrendo a mecanismos discursivos já conhecidos de outras obras da autora, ficcionaliza tópicos tão actuais como a infância/adolescência ou o crescimento, a família e o (des)amparo afectivo. No presente comentário, procura analisar-se as singularidades desta narrativa centrada na vida de Branca-a-Brava, uma jovem de 16 anos que

71. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.

conta a sua própria história, um relato acessível e coloquial, que não deixa de incluir subtis apontamentos de crítica social.

Palavras-chave: afectos, Alice Vieira, família, identidade pessoal, infância, literatura juvenil, universo feminino.

Abstract: The latest young adult novel edited by Alice Vieira, *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*, following an ideological and thematic construction and using discursive mechanisms already known from other works of the author, fictionalizes current topics such as childhood / adolescence or growth, family and the (un) emotional support. In this essay, we attempt to analyse the singularities of this narrative centred on the life of Branca-a-Brava, a 16-year-old girl who tells his own story, in an accessible and colloquial style, which include subtle hints of social criticism.

Keywords: Alice Vieira, childhood, family, feelings, individual identity, women/feminist universe, Youth Literature.

Com um lugar irrecusável na Literatura Portuguesa para os leitores mais jovens (e não só), como atestam, além do elevado número de edições com que contam os seus livros, os muitos estudos já produzidos em seu torno⁷², Alice Vieira (Lisboa, 1943) é autora de uma extensa obra que integra títulos diversificados tanto do ponto de vista modal e/ou genológico, como quanto ao seu potencial destinatário e à sua variedade/amplitude receptiva. Após a estreia literária em 1979, com o romance *Rosa, Minha Irmã Rosa*, obra reconhecida com o Prémio de Literatura Infantil “Ano Internacional da Criança”,

72. Da longa lista de referências bibliográficas e sem pretensões de exaustividade, vide, a título meramente exemplificativo: Freire (2000), Gomes (1991, 1998, 2000 e 2005), Guimarães (2000), Ramos (2010), Riscado (2010), Silva (2010) – estes três últimos incluídos num exemplar de *Solta Palavra (Boletim do CRILIJ)* especialmente dedicado à autora – ou, ainda, Riscado (2006).

instituído pela Editorial Caminho, chancela que viria a tornar-se a da maioria dos seus livros, Alice Vieira tem repartido a sua actividade pela escrita de novelas/romances juvenis, contos, muitos deles recuperados e “reciclados” a partir do património tradicional oral ou até de autores clássicos, como Perrault, irmãos Grimm ou Andersen, poesia (incluindo uma antologia de formas poético-líricas da tradição), entre outros. Traduzidos em várias línguas e alvo de muitas edições em Portugal, os mais de setenta livros de Alice Vieira têm sido reconhecidos com relevantes prémios de literatura para a infância, designadamente, em 1994, pelo conjunto da sua obra, o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e, em 2009, a Estrela de Prata do Prémio Peter Pan, atribuído à edição sueca de *Flor de Mel*, além das duas nomeações para o Prémio Andersen (em 1998, foi finalista) e, em 2010, uma outra para o Prémio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award).

Em 2010, Alice Vieira junta aos seus romances juvenis *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*, obra que tem colhido especial aceitação junto dos leitores mais jovens, mas não apenas, e que foi seleccionada, já em 2012, pela Biblioteca Internacional da Juventude de Munique.

Em vinte e três capítulos, precedidos por um prólogo e seguidos/fechados por um epílogo (154 páginas), Alice Vieira retoma alguns dos motivos estruturantes da sua obra, em particular, os difíceis ou invulgares contextos familiares e afectivos (em especial, o desamparo ou a orfandade emotivos) e os universos femininos.

O título, “elemento marcado” (Reis e Lopes, 1996: 415), retomando uma expressão da conhecida música intitulada *Vambora*, da brasileira Adriana Calcanhotto, além de situar definitivamente a narrativa num contexto presente e facilmente reconhecido por um universo considerável de leitores, parece insinuar alguns pilares ideológico-temáticos da narrativa, em particular relativos às relações interpessoais, à questão da mudança suscitada por outrem e até de subjectividade ou de vivência emocional. A estes aspectos juntam-se, ainda, outras sugestões como a da centralidade do eu e a da noção

de tempo, em concreto, a da tensão entre o tempo cronológico e o tempo psicológico. Acrescente-se, de igual modo, que este segmento (inter)textual é retomado numa fase quase conclusiva da narrativa (por exemplo, no capítulo 22), havendo inclusivamente o registo de outras passagens da referida composição musical.

Paralelamente a esta nota intertextual que alude à música, na narrativa, a referência literária ao teatro do dramaturgo português Gil Vicente, em concreto ao *Auto da Feira*, é de crucial importância. Na verdade, é este que dá o nome ao teatro/companhia de teatro amador no/na qual decorre a acção principal. É na Feira, espaço físico central da acção, que, a meio de um espectáculo teatral, nasce a protagonista da narrativa que é inclusivamente “baptizada” com o nome de uma das personagens do referido texto dramático vicentino. Branca-a-Brava, uma rapariga de 16 anos, filha de Maria Augusta, uma actriz desta companhia, como sucede em muitos outros romances de Alice Vieira, conta a sua própria história, estratégia enunciativa que se afigura determinante do ponto de vista da sustentação do realismo intimista ou da coerência afectiva e psicológica que singularizam este texto.

É pela voz desta narradora onisciente que o leitor vai conhecendo a(s) vida(s) real e artística, neste caso, praticamente indissociáveis, dos “moradores” na Feira, espaço que funciona como “casa de todos” e que representou o refúgio da protagonista e da sua mãe. O motivo que leva Maria Augusta a procurar protecção na Feira é dado a conhecer no prólogo da obra, momento da narrativa marcadamente tenso, e a caracterização que desta é feita, desde o início, situa no universo das figuras maternas particularmente frágeis, afundadas em sofrimento e sempre “vigiadas” pelas suas filhas, tal como se pode constatar em outras obras de Alice Vieira, de entre as quais Flávia, mãe de Marta e de Ana Marta, personagem do romance *Os Olhos de Ana Marta* (1991) que será talvez uma das figuras femininas mais tocantes da obra literária da autora.

Todos os actores da Feira – dirigidos por Mercúrio – acarinhos Branca e, juntamente com Talita (Natália), a brasileira que trabalha

na casa da avó de Branca e com quem a protagonista desenvolve uma relação muito cúmplice, compõem uma galeria de personagens que, apesar de tudo, de todas as adversidades e desamparos vividos pela protagonista, acabam por ajudar à sua estruturação afectiva, funcionando mesmo, em termos actanciais, como adjuvantes. Em contrapartida, as personagens designadas como A-Mais-Nova e A-Mais-Velha, representando um tipo profissional facilmente reconhecível – Assistentes Sociais – e recriadas quase de forma caricatural, actuam de um modo que, não raras vezes, substantiva uma intencionalidade crítica, suscitando o riso e desempenhando o papel de oponentes.

Como mencionámos, a narradora é Branca, uma criança que, tendo nascido num contexto familiar aparentemente disfuncional, sem conhecer quaisquer elementos da família biológica para além da mãe, cresce feliz e equilibrada no seio do referido grupo de actores e artistas de bairro, na cidade de Lisboa. Esta pequena e original comunidade, que partilha casa, palco, afectos e uma paixão avassaladora pelo dramaturgo Gil Vicente e pelo Benfica, funciona como a referência emocionalmente mais marcante da narradora, mesmo após a morte da mãe e do regresso à casa da avó, uma personagem amarga que se revela contrariada com o facto de ter de acolher a neta. Com efeito, no desfecho da narrativa, o reaparecimento do pai, seis anos depois da morte da mãe, acelera a vontade de Branca de voltar ao espaço que é afinal a sua verdadeira casa – o Teatro.

As sucessivas evocações feitas pela protagonista – materializadas, por exemplo, nos inúmeros segmentos analépticos que encontramos ao longo de relato – verificam-se mesmo após o abandono forçado do espaço da Feira e da sua “verdadeira família”. Branca revela-se profundamente ligada àquele universo, estabelecendo constantemente associações e contrapontos entre as pessoas com quem tem de viver e as outras com quem queria viver. Até os espaços – a casa da avó em oposição à Feira – são frequentemente comparados:

Havia muitos mapas emoldurados nas paredes, como se fossem cartazes da Feira, ou fotografias, ou quadros. Mapas muito antigos, de países que se calhar já nem existiam hoje mas que tinham existido no tempo dele.

Mercúrio tinha-me contado que havia países que, de um dia para o outro acabavam. Ou mudavam de nome. Ou encolhiam (p. 140).

O recurso a mecanismos estilísticos como o jogo temporal ou a intersecção de fios narrativos, por exemplo, a par das inúmeras sugestões ou os “não ditos”, sustentam uma atmosfera densa que reclama do leitor a aceitação de um especial pacto de leitura, cujas principais exigências talvez sejam a capacidade de contabilização de pequenos pormenores e uma certa perspicácia na associação de factos, nomes e situações narradas.

Diversos apontamentos de crítica social surgem intencional e estrategicamente disseminados pelo relato, alguns deles mesmo quebrando o dramatismo de certos episódios e dotando a narrativa de um toque de humor e de malícia. A acuidade do olhar crítico (por vezes, manifestamente irónico) de Alice Vieira, uma das marcas singularizadoras da sua escrita, é um apelo à atenção do leitor, mesmo do mais distraído, interrogando-o indirectamente e motivando-o a questionar a sociedade coeva e as formas como encara a infância, a família ou os “desacertos” sociais, além de questionar a validade/pertinência de certos organismos/mecanismos estatais de Acção Social, aqui representados, com perspicácia, pelas personagens “A-Mais-Nova” e “A-Mais-Velha”.

Uma nota, ainda, para assinalar o grafismo/*design* do volume analisado, em concreto da sua capa. Seguindo uma linha de renovação pictórica já visível na edição/reedição de outros romances da autora, *Meia Hora para Mudar a Minha Vida* apresenta uma capa e uma contracapa que formam uma unidade semântica/visual assente numa ilustração da autoria de Bernardo Carvalho, ilustrador premiado e ligado também à editora Planeta Tangerina. Neste quadro visual, construído com base numa reduzida paleta de cores, visivelmente suaves, enfatiza-se implicitamente o protagonismo de uma figura juvenil, marcada por uma expressão inquieta e observadora, aparentemente na clandestinidade ou sem querer ser vista. A representação parcial de um automóvel (um táxi ou um carro da polícia?),

examinado à distância pela referida personagem feminina, contribui para reiterar os aspectos mencionados.

Num registo claro, fluente, acessível, sabiamente coloquial e sem moralismos ou com a subtileza e a sensibilidade que caracterizam genericamente a sua escrita, Alice Vieira, em *Meia Hora para Mudar a Minha Vida*, não se furta, uma vez mais, a tratar temáticas tão difíceis como a desestruturação familiar, o desamparo afectivo, a infância/adolescência e as dores do crescimento e, muito especial, a morte, neste caso, de uma mãe, um conjunto de problemas que tocam leitores de todas as idades.



Referências bibliográficas

- Freire**, Miguel Vázquez (2000), "A recepción da obra de Alice Vieira en Galicia e España", in *No Branco do Sul as Cores dos Livros (Actas do Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens – Beja, 25 e 26 de Fevereiro de 1999)*, Lisboa: Caminho, pp. 97-119.
- Gomes**, José António (1991), "Uma leitura de *Os Olhos de Ana Marta*, de Alice Vieira", in José António Gomes, *Literatura para Crianças e Jovens. Alguns Percursos*, Lisboa: Caminho, pp. 99-104.
- (1998), *Introdução às obras de Alice Vieira*, Lisboa: Caminho.
- (2000), "Em busca da identidade perdida: a obra de Alice Vieira e o caso de *Os Olhos de Ana Marta*", in *No Branco do Sul as Cores dos Livros (Actas do Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens – Beja, 25 e 26 de Fevereiro de 1999)*, Lisboa: Caminho, pp. 27-44.
- (2005), "Comentário com vista à formação leitora. *Os Olhos de Ana Marta*, de Alice Vieira", in *Boletín Galego de Literatura*, nº 32, 2º semestre 2004, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 221-230.
- Guimarães**, Ana Paula (2000), "Através de Alice: a tradição ao espelho", in *No Branco do Sul as Cores dos Livros (Actas do Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens – Beja, 25 e 26 de Fevereiro de 1999)*, Lisboa: Caminho, pp. 63-95.
- Maia**, João (1980), "*Rosa, minha irmã Rosa*" (recensão) (26/02/80) – disponível em <http://www.leitura.gulbenkian.pt/index2.php?area=rol&task=view&id=952&print=no> (consultada no dia 20/02/10).

- Ramos**, Ana Margarida (2009), "Alice Vieira – Trinta anos de livros e leituras", in *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 1015, 26 de Agosto a 8 de Setembro, p. 12 (Também disponível em <http://ainocenciarecompensada.blogspot.com/>).
- (2010), "Poesia e jogo em A Charada da Bicharada, de Alice Vieira e Madalena Matoso", in *Solta Palavra (Boletim do Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a infância e juventude)*, Maio, pp. 11-14.
- Reis**, Carlos e Ana C. M. Lopes (1996), *Dicionário de Narratologia*, Coimbra: Almedina (5ª ed.).
- Riscado**, Leonor (2006), "Alice Vieira – 25 anos de vida literária", in *No Branco do Sul As Cores dos Livros. Actas do 6.º Encontro sobre Literatura para Crianças e Jovens (Beja, 12 e 13 de Fevereiro de 2004)*, Lisboa: Caminho, pp. 109-120.
- (2010), "Alice e o jogo de espelhos n' *O Casamento da Minha Mãe*", in *Solta Palavra (Boletim do Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a infância e juventude)*, Maio, pp. 15-17.
- Silva**, Sara Reis (2010), "Coisas que não ficam iguais quando saem dos livros para a nossa vida: a propósito de *Rosa, Minha Irmã Rosa*, de Alice Vieira", in *Solta Palavra (Boletim do Centro de Recursos e Investigação sobre Literatura para a infância e juventude)*, Maio, pp. 5-10.